



Resenha do livro

QUICK STARTS FOR YOUNG CHOIRS: activities and ideas to focus young singers

Review of the book

QUICK STARTS FOR YOUNG CHOIRS: activities and ideas to focus young singers

Débora Andrade¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.15601/2237-0587/fd.v7n2p71-75>

MILLER, Cristi Cary; MCKENNA, Angela K. **Quick Starts for Young Choirs: Activities and Ideas to Focus Young Singers**. Milwaukee: Hal. Leonard, 2013.

Engana-se quem pensa que as atividades de um coro jovem estão limitadas à construção do repertório musical. Na maioria dos casos, é o canto coral que coloca a criança, pela primeira vez, em contato com a musicalização, desenvolvendo sua percepção do esquema corporal, sua orientação espacial e temporal, a atenção e a reação, sua coordenação motora, sua discriminação pelo ouvido da altura, intensidade, duração, ritmo, formas musicais, dentre outros (SESC, 1997).

Em *Quick Starts for Young Choirs*, Miller e McKenna (2003) registraram cento e duas atividades, destinadas aos cinco primeiros minutos de um ensaio, distribuídas em oito tópicos, com o principal objetivo de ajudar a focar a atenção dos coristas e a desenvolver a musicalidade. Dentre elas, muitas foram criadas por seus amigos, também, regentes, cujos nomes são mencionados na introdução do livro. De outras, desconhecem-se os autores.

Resumidamente, Cristi Cary Miller é graduada pela *Oklahoma State University*, mestre, regente e compositora, além de ter em seu currículo vinte e um anos de experiência

¹ Mestra em Música, Especialista em Educação Musical e Bacharel em Regência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: debora.andrade@ufsj.edu.br

em escola de ensino regular. Já Angela K. McKenna é membro de várias organizações corais e fundadora do *Young Voices of Edmond's Broadway Tonight Choir*, na *University of Central Oklahoma*, onde se tornou Bacharel em Educação Musical.

O primeiro tópico do livro, intitulado de *Warm Ups*, é o maior deles, trazendo vinte e sete exercícios, sendo sete deles de aquecimento muscular, dez de movimento e canto e dez vocais. Eles partem dos princípios que a negligência à necessidade de aquecer a musculatura corporal pode comprometer em muito a produção vocal e que a utilização não variada de exercícios vocais pode tornar a atividade coral enfadonha. Uma das atividades, a *Solfège Stack*, que compõe essa seção, consiste em cantar a escala diatônica, em tonalidade maior, partindo do *Dó 3* ao *Dó 4* e retornando ao primeiro, de forma gradativa, podendo ser cantada em cânone de duas ou três vozes, é a mesma sugerida por Leck e Flossie (2009) e por Phillips (2014). A diferença é que este último dá-lhe o nome de *Dó – Ré – Dó* e chama a atenção para o fato desse exercício exigir rápida articulação. Já os primeiros sugerem que ele seja realizado com os ombros relaxados, com a mente alerta e que se introduzam palmas, todas as vezes que a nota *Dó*, grave ou aguda, seja cantada.

O segundo tópico, *Tension Breakers*, traz cinco exercícios cujo objetivo é divertir, diminuir a tensão pós-ensaio de uma canção e preparar mentalmente o grupo para o ensaio da próxima. Trata-se de uma seção pequena que foca, basicamente, no relaxamento da musculatura corporal.

Já o terceiro tópico, *Sight Singing*, apresenta onze atividades que contribuem com a habilidade de leitura musical. As autoras as consideram importantes por, segundo elas, tornar mais rápida a aprendizagem das músicas. Em geral, sugere-se a utilização de cartões ou tiras, contendo até oito compassos, com ritmos ou trechos melódicos a serem distribuídos para as crianças, que devem ser organizadas em diferentes grupos ou pelo chão da sala de ensaio. Dependendo da atividade, os conteúdos dos cartões poderão ser executados percussiva ou vocalmente ou, simplesmente, identificados auditivamente. Embora todas as atividades envolvam leitura de partitura, apresentam diferentes abordagens lúdicas. Há atividades, por exemplo, cuja performance rítmica envolve a utilização de copos de isopor e até bola de basquete, futebol ou beisebol.

O quarto tópico, *Ear Training*, sugere oito atividades para desenvolver a habilidade de ouvir frequências e intervalos – algo que facilitará, posteriormente, a reprodução vocal dos mesmos e o solfejo. As autoras partem do pressuposto que antes de lermos, nós devemos

ouvir e ouvir muito. Mesmo não fazendo referência, essa ideia parece flertar, pelo menos em sua essência, com a filosofia dos pedagogos musicais da primeira metade do século XX que, de acordo com Fonterrada (2003), tinham a preocupação, dentre outras, de desenvolver a habilidade de escuta e a vivência musical, antes da leitura de partitura.

Em seguida, os dezoito *Games*, no quinto tópico de atividades, podem ser feitos em qualquer momento do ensaio, dependendo da demanda do grupo ou com a dinâmica de ensaio. De acordo com a experiência das autoras, eles são divertidos ao ponto dos coristas solicitarem sua realização em vários ensaios. Dentre várias funções apresentadas, estão as de ajudar os cantores a compreender a importância de pensar antecipadamente, desenvolver o controle do suporte respiratório para cantar frases longas, promover treinamento auditivo, memorização de letras, melhorar habilidades de performance em concertos e criar espaço na boca, durante o ato de cantar.

Na sequência, a sexta parte do livro, *Teaching the Song*, traz cinco diferentes ideias de como introduzir o ensino de uma música, a fim de manter os coristas engajados, no ensaio. Uma delas sugere que se distribuam canetas e papéis para os jovens que deverão desenhar a linha melódica de uma das músicas aprendidas, apreciada mais de uma vez, de olhos fechados, e entoada pelo regente, com a sílaba “lu”. Guardadas as especificidades, o exercício remete-nos à proposta da partitura planimétrica, de Koellreutter ou da melodia das montanhas, criada e adotada por Villa-Lobos, durante o período do canto orfeônico (PAZ, 2000).

A penúltima seção apresenta dezoito *Tricks for Better Singing*. Eles são direcionados a solucionar dificuldades em imprimir musicalidade numa linha melódica, criar dinâmicas, baixar o queixo para cantar e interromper coletivamente a emissão das consoantes “r” e “s”. Além disso, há exercícios com a função de evitar a emissão de vogais rasas, desenvolver riqueza e profundidade sonora e criar suporte respiratório, a fim de que o coro cante frases musicais mais longas, sem respirar. Esses exercícios serão muito úteis para a transformação da sonoridade coral que, muitas vezes, carece desses cuidados.

Por fim, o último tópico, chamado de *Music Writing and Theory Fun*, promete oferecer às crianças dez novas ideias criativas de como expressar música. Endereçado ao aprendizado teórico musical, ele traz atividades que estimulam a descoberta e o registro de ritmos, gerados pela entonação de palavras, criação de melodias e jingles e até sonorização de histórias, afinado à pedagogia musical de Murray Schafer (FONTEERRADA, 2003). Nesse mesmo sentido, as atividades demandam recursos como papel, lápis, percussão corporal,

sacos de doces e de feijão, palitos de picolé, instrumentos não convencionais e de alturas não definidas.

Algumas dessas atividades ou variações destas já são conhecidas por regentes brasileiros e educadores artísticos de escolas de ensino regular como, por exemplo, a atividade *Head, shoulders, knees and toes*, que envolve movimento e canto e a *Making Rain*, na qual se aquece o corpo esfregando as mãos e percutindo-as, em forma de concha, rapidamente, em várias partes do corpo.

Tratando-se de uma literatura americana, é importante que, em posse desse livro, o regente brasileiro se lembre de que os *Dó3* e o *Dó4* brasileiros são, respectivamente, os *Dó1* e *Dó2* dos músicos norte-americanos, a fim de evitar qualquer confusão em relação ao registro vocal infantil.

Parte dessas atividades traz partituras vocais, em sua grande maioria, na tonalidade de *Fá maior*, algumas poucas em *Dó maior*, e apenas uma em *Sol maior* e uma em *Lá menor*. Apesar de autores, como a Bartle (2003), sugerirem que se evite a tonalidade de *Dó maior*, por não propiciar o desenvolvimento da voz de cabeça das crianças, e que se utilizem as tonalidades de *Ré*, *Mi bemol* e *Mi*, todas maiores ou menores, a linha melódica dos exercícios apresentados no livro não extrapolam os limites vocais que vão do *Lá2* ao *Ré4* – extensão possível e confortável, já que “o ideal é que as crianças conquistem uma extensão de duas oitavas” (SESC, 1997, p.60), a partir do *Lá2*.

As informações referentes a cada uma das atividades, geralmente, iniciadas por comandos imperativos como “Peça às crianças”, são bastante simples e curtas, mas não deixam dúvidas em relação à execução delas. E parte destas propostas traz, ao final da descrição metodológica, uma nota pessoal, onde as autoras compartilham impressões pessoais ou um *feedback* de suas experiências relacionadas a elas.

Recorrentemente, nesses exercícios, parece existir um movimento de musicalização, que flerta com a proposta de criação (C), apreciação (A) e performance (P) – o modelo chamado C(L)A(S)P, do educador musical Swanwick (2003). Mas, aqui, a aquisição de habilidades (S) e os conhecimentos da literatura musical (L), necessidades de segunda importância na filosofia educacional de Swanwick, parecem assumir a mesma importância que as demais.

Embora, na capa do livro, as autoras orientem aos regentes a começarem suas aulas ou ensaio “com cinco minutos ou menos de criatividade”, a apreciação do livro julgada por nossa experiência nos dá a impressão de que os exercícios duram em média quinze minutos, considerando a organização do grupo, as orientações e a sua execução.

Em suma, esse livro dá, ao regente, estratégias diversificadas para que seus coristas aqueçam o corpo com atividades de movimento muscular, movimentem-se enquanto cantam, agucem a concentração com jogos, realizem treinamento auditivo e desenvolvam habilidades musicais com solfejos, ditados musicais, teoria, dentre outros.

Nele não há qualquer menção à existência de pesquisas que afirmam a eficácia das atividades propostas, sendo necessárias experiências para comprová-las. Além disso, ele está mais alinhado a corais que possuem, em sua rotina, uma proposta musicalizadora. Sua total utilização pode não ser muito interessante para corais infantis cujo foco está, unicamente, na construção de repertório, exceto em relação aos capítulos cinco e sete, que propõem estratégias para resolução de problemas relacionados à técnica vocal.

Referências

BARTLE, Jean Ashworth. **Sound advice**: becoming a better children’s choir conductor. Canadá: Oxford University Press, 2003.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De Tramas e Fios**: Um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LECK, Henry. **Creating artistry through choral excellence**. USA: Hal. Leonard, 2009.

PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia Musical Brasileira no século XX**: Metodologias e Tendências. Brasília: Editora MusiMed, 2000.

SESC. **Canto, canção, cantoria**: Como montar um coral infantil. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: SESC, 1997.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.